

Sonhos (e outros)

Crônica de uma experiência de vórtice onírico¹

Fernando César Thomazine,² Campinas

Resumo: Este relato literário apresenta a dramaticidade de um sonho, na forma de uma crônica. Desnuda as complexidades das relações que se entremeciam no campo psicanalítico e que dão origem a um novo espaço, inconsciente, habitado pelo paciente e pelo analista. Formam-se significados que transcendem o individual de cada qual e que prosseguem em cocriação.

Palavras-chave: espaço analítico compartilhado, intersubjetividade, complexidade do inconsciente

O paciente entra no consultório. E o que pareceria algo costumeiro se revela um ambiente infamiliar... há uma sensação de estranheza... de desorientação. Começa a descrever um sonho. Se diz perturbado. Ele está num lugar que lhe parece conhecido e ao mesmo tempo inusitado... num misto de sua casa de infância e do consultório do analista. Relata que está sendo observado... mas não consegue identificar quem está ali. Aprofunda-se numa confusão de espaços e de identidade, luz e sombra... Num lusco-fusco, as linhas entre o mundo interno e o ambiente externo estão borradas. O paciente se vê caminhando por corredores longos e labirínticos que se estendem indefinidamente. Há portas que levam a diferentes cenas de sua vida. Em cada porta, encontra versões diferentes de si mesmo... E sempre é atravessado pela figura na sombra, que o observa e que nunca se revela completamente, alguém que aparece e desaparece, como num caleidoscópio. Há, no sonhador, uma mistura de curiosidade e de medo. Pergunta se essa figura poderia ser ele próprio com o seu medo... ou seria a figura do analista? Aquele encontro deveria ser mágico. O paciente abre mais uma porta e se defronta com um escritório, que se assemelha ao consultório do analista.

1 Vencedor do 5º Prêmio Científico da Associação dos Membros Filiados (AMF).

2 Membro filiado do Instituto Durval Marcondes da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

Entra, mas está vazio, ninguém a quem recorrer. Um encontro que escapa... Novamente, sombras e a invasão da presença da figura sombria, que olha, olha, vai aparecendo... Desta vez, a figura está sentada na cadeira do analista. O paciente tenta se aproximar, mas à medida que caminha o ambiente ao redor começa a se distorcer, e a figura sentada também se distorce, numa fusão do paciente e do analista. Ambos se desfiguram à medida que se entrelaçam. Tem a sensação de um espaço novo. Seria o espaço do mágico... ou do ilusionista? Há diferença? Por um momento, parece reconfortante, mas aquela experiência de união foi cedendo espaço a uma onda de inquietude. O paciente tenta falar com a figura sinistra, mas suas palavras não ecoam. Ele tenta gritar e se dá conta de que está sonhando a sua própria mudez. Então ambos começam a falar, simultaneamente. O paciente se sente uma vez mais preso, sendo sugado para dentro da figura. Suas vozes, juntas e misturadas, mas em uma cacofonia de pensamentos e de sentimentos. São ininteligíveis. Mas a linha entre quem ele é e quem a figura é se desfaz completa e subitamente. Ele se assusta, porque a figura é tanto ele quanto o analista, compartilhando aquele momento e espaço. Não há outro tempo ou lugar, e não há mais nada. De novo é sugado. Numa das portas há uma ladeira, primeiramente num campo deserto. Depois, num topo de um monte, com algumas casas. Um aclive ou um declive? Reconhece uma delas como a casa dos avós. Havia morado na casa ao lado, uma casa de que nunca se desfizeram, ele e seus pais. Há um turbilhão de poeira, folhas e sombras que giram freneticamente, e alguém está em frente da casa. É a presença do aterrorizador. Seria aquele que a tudo espreita? Tinha um semblante ainda pior, parecendo transtornado, entorpecido. Uma vez mais tenta gritar, mas novamente em vão; a voz não sai. Apavora-se ainda mais e se agita. O redemoinho aproxima-se novamente, ainda com mais força. O tempo acelera. A figura também se aproxima, ameaçadoramente. E então é puxado para dentro. Ou para fora? O chão cede a seus pés, e ele cai naquela espiral, engolido com força. Cai, mas não há fundo, apenas uma queda interminável, através de um túnel feito de argolas pretas e brancas, como numa série antiga a que assistira, *O túnel do tempo*... Ou essa fora a imagem que se formou na mente do analista? Há vento e escuridão. Aumenta a sensação de vertigem... mas também de algo familiar... Já teria vivido aquela experiência outras vezes? Muitas outras vezes? Há um som. É uma gota de torneira, caindo e caindo e caindo... que começa a se expandir em volume e intensidade. Cai e esparrama-se, tomando todo o espaço. O pensamento volta a girar, em movimento

helicoidal, com memórias desconexas que surgem e desaparecem em meio à queda. Rostos e lugares passam agora muito rápidos como fantasmas... ou como espelhos? Não há forma definida. E então a queda desacelera, mas o som aumenta, para ficar quase insuportável. No centro do redemoinho, uma figura emerge da escuridão. É indistinta, uma sombra ainda sem rosto, mas o sonhador sente que a conhece. Estende o braço e busca se aproximar, pensa que agora saberia quem é... quando violentamente é puxado de volta pela corrente, jogado para fora do redemoinho, com imensa força. A queda recomeça; mas teria parado em algum momento? Agora, caía para cima, para fora do redemoinho. Olha para a figura, mas perde o limite entre o eu e o outro. O som das gotas se altera para o de um sino, não... é para o de uma campainha, insistente. O paciente desperta ofegante. Onde está? No divã? Não... Sente-se confuso. Está na cadeira do consultório. Está só. Nunca saiu dali. Procura o analista... Ele é o analista! Olha o relógio. Agora existe novamente um tempo, um cronos... É invadido pelo pensamento de que o paciente do sonho é o que chegaria a seguir, para o próximo horário... Era ele quem estava fazendo soar a campainha, a que o despertara. Será que de fato havia sonhado? E aquele sonho fora seu?

Sueños (y otros): una crónica de una experiencia de un vórtice onírico

Resumen: Este relato literario, estructurado como una crónica, explora la intensidad y complejidad de los sueños y su intersección con el psicoanálisis. Desvela cómo el espacio inconsciente compartido entre el paciente y el analista se convierte en un terreno fértil para la creación de significados que trascienden las experiencias individuales. La narrativa revela cómo estas interacciones psicoanalíticas contribuyen a la formación de nuevos entendimientos y experiencias, donde ambas partes co-crean un nuevo espacio psicológico. Palabras clave: espacio analítico compartido, intersubjetividad, complejidad del inconsciente

Dreams (and others): a chronicle of an experience of a dreamlike vortex

Abstract: This literary account, structured as a chronicle, explores the intensity and complexity of dreams and their intersection with psychoanalysis. It unveils how the unconscious space shared between the patient and the analyst becomes a fertile ground for creating meanings that transcend individual experiences. The narrative reveals how these psychoanalytic interactions contribute to the formation of

new understandings and experiences, where both parties co-create a new psychological space.

Keywords: shared analytical space, intersubjectivity, complexity of the unconscious

Rêves (et autres) : une chronique d'une expérience d'un vortex onirique

Résumé : Ce récit littéraire, structuré comme une chronique, explore l'intensité et la complexité des rêves et leur intersection avec la psychanalyse. Il dévoile comment l'espace inconscient partagé entre le patient et l'analyste devient un terreau fertile pour la création de significations qui transcendent les expériences individuelles. La narration révèle comment ces interactions psychanalytiques contribuent à la formation de nouvelles compréhensions et expériences, où les deux parties co-créeent un nouvel espace psychologique.

Mots-clés : espace analytique partagé, intersubjectivité, complexité de l'inconscient

Fernando César Thomazine

fcthomazine@gmail.com